CENTENÁRIO DE MORTE DE BARBOSA DE FREITAS

João Ribeiro Ramos

Na seqüência das efemérides deste ano da graça de 1983, que mal está chegando ao fim de seu primeiro mês, e todas elas admiravelmente organizadas, tal como as palestras, pelo eminente Mestre João Hipólito, aqui me encontro e por ele delicadamente convidado, para falar sobre o genial e malogrado Poeta Barbosa de Freitas, cujo Centenário de morte decorrerá no próximo dia 24.

Inicialmente eu quero agradecer a gentileza do convite, vendo no gesto amável do meu dileto amigo Prof. João Hipólito, senão uma homenagem ao meu saudoso mano e vosso antigo companheiro José Waldo Ribeiro Ramos, pelo menos uma efetiva relembrança dele, pois, José Waldo, foi o intelectual cearense que com mais carinho e mais primorosamente escreveu sobre a vida e a obra poética do cinzelador da belíssima **Lenda do Sol**. E fê-lo em magistral conferência que pronunciou em nossa Capital e publicada posteriormente na Imprensa Oficial do Estado, no ano de 1944, sob o título **Ignorante Sublime.** Trata-se, a meu ver, de um pequeno e magnífico ensaio biobibliográfico, e que o ilustrado bibliófilo meu nobre amigo Dr. José Bonifácio Câmara, em carta que me escreveu, qualifica como uma verdadeira obra prima, considerando-a como a melhor coisa que José Waldo deixou.

Nasceu Barbosa de Freitas em Jardim, no Cariri, em 1860 ou 1861, não se sabe ao certo, sendo filho da Sra. Maria Barbosa da Silva e do advogado rábula, Antônio Nogueira de Carvalho, assassinado por Liberato José de Maria e Silva, no mercado público daquela cidade, segundo testemunho do Dr. Sabino da Silva Thé, jardinense e conhecedor da crônica de sua terra, e questionado pelo autor da Conferência ao escrevê-la. Corria em Fortaleza, à boca pequena, que o poeta era filho do Desembargador da Relação, Américo Militão de Freitas Guimarães, de seus supostos amores clandestinos com Maria Barbosa, quando Juiz de Direito da Comarca de Jardim, ali chegado em 25 de setembro de 1859. Afirmou o Dr. Silva Thé ter ouvido da própria mãe do poeta a afirmativa: "quando o Desembargador Américo chegou, como Juiz de Direito, já o seu Antônio era nascido, sendo seu pai o advogado Antônio Nogueira de Carvalho". A verdade é esta: vindo para Fortaleza, nomeado Desem-

bargador, o Dr. Américo Militão pediu a Sra. Maria Barbosa o pequenino Antônio e o trouxe para educar, e talvez mesmo o adotasse, indo além ao lhe dar o próprio nome da família.

Pouco se sabe, como nos diz José Waldo, da vida de Barbosa de Freitas, mas dá para se presumir que o menino deste muito cedo demonstrou a poderosa e viva inteligência que recebera de Deus, e isto, por certo, levou o seu pai adotivo e zeloso Magistrado, a interná-lo no Seminário, ainda no verdor dos anos, pensando com isso dar-lhe educação cuidada e tê-lo mais tarde em posição condigna no seio da sociedade daquela já distanciada época. Era costume então, entre as famílias abastadas, ter um filho Padre, para tal um dos varões era escolhido, quisesse ou não seguir a carreira eclesiástica, tivesse ou não vocação. Daí as muitas frustrações , os muitos desgostos e mesmo as deserções. Ominosos tempos!

Barbosa de Freitas, espírito rebelde e talvez já sentindo no cérebro as fagulhas poéticas e ouvindo o chamamento das Musas, quais sereias sedutoras, abandonou o Seminário, sem saudades, em ânsias incontidas de liberdade, avesso que parece ter sido a toda sorte de disciplina. O desejo de liberdade plena, sem peias, era nele tão grande que não mais voltou aos livros, deixando inteiramente de estudar e, portanto, de aprimorar a portentosa inteligência de que era feliz portador e de excelir pela cultura. Essa falta de cultura era suprida pelo gênio – diz o seu biógrafo –, e isso levou alguém a chamá-lo de ignorante sublime.

Uma vez fora do Seminário e longe do cilício da batina, o jovem ex-seminarista voltou-se para o mundo exterior e passou a usufruir doidamente, desordenamente, os prazeres da vida, buscando no álcool ilusões até então apenas sonhadas e jamais experimentadas. Como um poltro selvagem que corre, nitrindo por montes e vales, sem escolher caminho, saltando obstáculos e vencendo grotões, assim, Barbosa de Freitas, atirou-se ao turbilhão da vida, dispondo-se a gozá-la rapidamente e sem nenhuma pausa. E vieram as primeiras noitadas alegres, em contínuos desfiles pelas tascas e pelos bares. E vieram as serenatas e as constantes libações alcoólicas, em companhia de companheiros boêmios, gente de toda espécie, deserdados da sorte, filhos diletos de Baco, irmãos na desgraça. É possível que o uso imoderado do álcool fosse em Barbosa de Freitas uma herança atávica, já que o poeta jamais viu isso à sombra do lar onde foi criado. Quem sabe?

Nessa louca caminhada, inteiramente às cegas, Barbosa de Freitas, não poderia jamais chegar à luz. Era como se percorresse um túnel em busca de uma claridade que jamais chegou diante de seus olhos abertos na escuridão. Caiu antes de chegar ao fim do caminho. Caiu para não mais se levantar do pó da terra, em plena mocidade, aos 23 anos e dois dias de idade, naquela fria manhã de 24 de janeiro de 1883.

Poeta de gênio, seresteiro muito querido, espírito eternamente iluminado, foi amado sem jamais ter amado alguém, teve amigos dedicados que o endeusavam – a muitos deles deve-se o recolhimento em cópias feitas na ocasião, de grande parte das suas produções poéticas, feitas de improviso, sob a ação do álcool, nas tascas e nos lupanares. Boêmio incorrigível, poeta, sempre poeta, escrevia alguns dos seus versos onde quer que estivesse, dando preferência ao estabelecimento comercial de João Cordeiro, de quem era amigo a ponto de filiar-se ao Partido Liberal, colocando-se ao lado daqueles que lutavam pela libertação dos escravos. Tal atitude lhe criou muitos inimigos, terríveis e mesquinhos inimigos, entre os escarvocratas, que o perseguiam e o difamavam sem piedade.

Sobre a amizade que unia o genial poeta ao notável João Cordeiro (abrindo um parênteses, conheci este admirável e bravo abolicionista e ex-senador, em Baturité, já septuagenário, na segunda década deste século, residindo em Putiú, onde tinha uma fábrica de beneficiamento de algodão), encontro vero testemunho do ilustre Barão de Studart, no seu famoso Dicionário Biobibliográfico, falando em torno do livro "D. Juan Cacique, Poema Biográfico ou a Epopéia do famoso João dos Santos", dado por ele como publicado em Cabo Frio, quando morou no Rio de Janeiro, em 1881. Escreve o Studart douto: "Não foi publicado em Cabo Frio como diz, mas em Fortaleza e a expensas do negociante João Cordeiro. Eu mesmo vi Barbosa de Freitas escrever trechos dele, servindo-lhe de mesa uma barrica de bacalhau nos armazéns daquele negociante".

Poeta dos maiores do nosso Ceará, sempre notável improvisador, Barbosa de Freitas derramava perdulariamente, onde quer que estivesse e se oferecesse ocasião, o seu estro divino. A propósito disso, nos conta o escritor J. W. Ribeiro Ramos um fato real e que lhe foi narrado por testemunha ocular, por sinal amigo e grande admirador de Barbosa de Freitas, chegando ao ponto de guardar de memória numerosos poemas e muitas das famosas modinhas de sua lavra. A história ouvida: em presença de numeroso público, inaugurava o presidente da Província Dr. José Júlio de Albuquerque Barros (que seria agraciado com o título de Barão de Sobral e foi também presidente da Província do Rio Grande do Sul), em Canafístula, a 13 de junho de 1880, a Colônia Orfanológica cristina, e cercando a mais alta autoridade provincial figuras representativas da sociedade da época. Iniciada a solenidade, falam vários oradores, entre aplausos. Presente e em lastimável estado de embriaguez, Barbosa de Freitas pede a palavra, ante o espanto de muitos figurões que o não conheciam e, naturalmente, para contrariedade dos organizadores da festa. Cambaleante – diz J. W. Ribeiro Ramos –, Barbosa de Freitas enfrentou o auditório e improvisou:

Amigos, ergamos todos
Um bravo! que vôe ao céu!
Pois que nas aras da pátria
A caridade se ergueu.
Sim, que aos pobres desvalidos
Filhos dos homens caídos
Da erupção no furor,
– Rosas fecundas, perdidas,
São neste instante colhidas
Pela mão de um protetor.

Filho do século, é sublime,
Mais que nobre a vossa ação!
– Justiça, amor, compaixão.
Salvando as pobres crianças,
Da pátria mil esperanças
Legastes para o porvir.
As águias nascem pequenas,
Mas, quando crescem-lhe as penas
Sabem bem alto subir.

Quem sabe se nestes crânios
– Lanternas que pedem luz,
Não reina a alma de Dante,
De Gutemberg ou Jesus? . . .
Mas já os lançastes na senda,
Os recolhestes à tenda
Do trabalho e da razão . . .
Abrindo as portas da escola,
Tendes direito à auréola
Que vos prepara a Nação!

Barbosa de Freitas desceu da tribuna nos braços dos amigos, que tinham lágrimas nos olhos, e sob os mais calorosos aplausos daquele seleta assistência que se quedara em silêncio a ouvi-lo. Cantara, mavioso, terno e harmonioso, o sabiá da mata, enquanto os seus outros companheiros alados pararam para escutá-lo. Externando no rosto a sua admiração o Presidente Albuquerque Barros, perguntou a alguém a seu lado: – Quem é este rapaz? – É Barbosa de Freitas, um moço de pouco mais de vinte anos, um boêmio, um gênio – disseram-lhe. – Faz pena . . . Que belo talento! E foi só . . .

Infelizmente um talento esperdiçado perdulariamente. Uma inteligência que não foi cultuada, lamentavelmente. Se a cultuara, Barbosa de Freitas,

como nos lembra José Waldo teria alcançado em nosso meio intelectual a mesma glória de outro moço de invejável talento, Rocha Lima, assim como teria rivalizado no Brasil com Castro Alves. E acentua: "A linguagem de Barbosa de Freitas não era uma linguagem escorreita, esmerada. A língua que ele manejava, não tivera tempo de aprendê-la, absorvido que foi muito cedo na vertigem dos prazeres mundanos. Não conheceu os clássicos e por isso a sua linguagem ressentia-se da indisciplina gramatical. O que sobretudo nele admira, é a veia poética profunda, rara, inesgotável".

Há na poética de Barbosa de Freitas traços profundos de uma profunda admiração por Castro Alves, o grande Poeta dos Escravos, e a figura maior do condoreirismo no Brasil, tal como se pode ver nestes veros de rara beleza:

Abra-se o templo da idéia!
Deixai o mundo passar!

Eu bati a todas as portas
Todas se fecham, cruéis!

Ou, ainda, nesta estrofe de inimitável beleza da **Lenda do Sol**:

... Sou eu quem espanca as trevas
Desde o globo aos pés de Deus,
Empresto luz às estrelas,
As lâmpadas no mar, dos céus!
Ilumino fossos, grutas,
Já presidi cruéis lutas,
Da revolta criação:
Já ouvi blasfêmias, uivos,
Dos viventes que o dilúvio
Varreu nas fauces do chão.

Era Barbosa de Freitas, se assim posso dizer, o Castro Alves cearense, puro cabeça-chata, ignorante, mas sublime.

Amante da liberdade, inimigo declarado da opressão e da tirania, formou ao lado daqueles notáveis brasileiros que no Ceará se alinharam no Movimento Abolicionista, e cujos nomes propositadamente deixo de citar neste despretensioso trabalho porque todos eles estão gravados nas paredes sólidas de vossos próprios corações bem formados. Assim a voz altiloqüente e a lira de ouro do genial poeta soaram maviosas e puras, naquele memorável 28 de setembro de 1881, na Sociedade Cearense Libertadora, entoando belíssimo poema, à maneira do gênio baiano, como se pode ver desta estrofe que me permito recitar para a vossa sensibilidade:

. . . Maldito o que sustenta e o que protege
A causa infame e vil dos tais senhores,
Que dardejam seu látego infamente
Fazendo ao pobre irmão sofrer mil dores!
A vossa causa é santa, ó lidadores!

Filhos do séc'lo, atletas da igualdade,
Não trepideis um passo! Que a conquista
É pra honra salvar da humanidade!
Pra sempre é detestado e assaz maldito
Quem proclama as vitórias da opressão!
Da consciência afogando o enorme grito
Que a voz de Deus levanta . . . Ó maldição!

Mesmo à distância pode-se perfeitamente avaliar o quanto contribuiu o ppeta com o calor do seu estro e a sonoridade inconfundível de sua lira para sustentar o Movimento Abolicionista no Ceará, e de cuja vitória ele jamais participaria, levado que foi pela morte seis anos antes daquele apoteótico final de 13 de maio de 1888. Deus, o grande Deus dos desgraçados, não lhe permitiu sequer que ele visse o raiar daquele memorável 25 de março de 1884. Pobrezinho!

Por ser interessante e mesmo estranho gostaria de vos contar a pequenina história do primoroso soneto "Uma Lembtança de Byron", que é também pequenina obra-prima, tanto mais que recitado de improviso. Uma certa tarde passeavam, conversando, numa das avenidas da cidade, lado a lado, o poeta e o seu amigo Tenente Coronel Joaquim Markan Carneiro da Cunha. De repente Barbosa de Freitas pára e se abstrai da palestra, de olhos no chão, como a sós com os seus pensamentos. Indagado pelo oficial sobre o que ocorria, o poeta olhou para o amigo e disse apenas: – escreva. E ditou-lhe de supetão os quatorze versos do célebre soneto, assim:

Recordo-me . . . Era a lúbrica Veneza
Ao tímido luzir da lua vagarosa,
Como a ave noturna a sós, silenciosa,
Atrevido parei no parque da princesa.
Corria pelo ar um célico perfume,
No palácio do Doge havia inteira paz,
Alguém passava ao perto e, num esforço audaz,
Atrevo-me a chamá-lo e suplicar-lhe o lume.
Mas . . . qual o meu espanto, a convulsão do pejo!
Quando ao vulto cheguei-me, reconheço e vejo,

Ser meu eterno inimigo, o meu atroz rival! . . .
– Cavalheiro, lhe disse, – agora tudo é ermo . . .
Sobre a nossa disputa aqui ponhamos termo!
E . . . o corpo do infeliz sumiu-se no canal! . . .

Copiado o soneto, o Cel. Markan pediu a Barbosa de Freitas uma explicação do fato, e o poeta como se acordasse de um sonho disse-lhe: "Foi apenas uma inspiração, uma visão, talvez um pesadelo de poeta. É que acabo de me deparar com um tipo que incarna todos os índices fisionômicos do poeta de "Don Juan". Quem pode explicar essas coisas? São estados d'alma que a gente nem pode entender. Mas o que é certo, é que, na minha visão interior, eu vi um homem e afirmo que era Byron".

Barbosa de Freitas não sabia explicar, mas há alguém de muito saber entre nós que pode fazê-lo, o nosso eminente confrade Itamar Espíndola.

Senhor Presidente

Eminentes Confrades

Sobre Barbosa de Freitas, apesar de sua vida tão breve, há ainda muita coisa para contar, mas o tempo corre e eu preciso e devo terminar, não sem vos pedir perdão por ter abusado da vossa paciência.

Com a pressa que teve de viver a própria vida e de gozá-la sem termo, com os longos dias passados sem pão e sem teto, e sobretudo com as constantes noites de orgia e libações, Barbosa de Freitas teve um breve e triste fim. Adoecendo gravemente e com o organismo já minado por insidiosa moléstia, foi um dia levado à Santa Casa de Misericórdia, levado por amigas e caridosas mãos, e recolhido a um dos leitos como mero e desconhecido indigente. Essas mesmas mãos, para lhe minorar os padecimentos físicos e morais, levaram-lhe, para melhor conforte e aconchego um alvo lençol de puro linho, e, quem sabe? para que o lençol lhe servisse de mortalha. Sobre o leito de dor escreveu ele, ao sentir aproximar-se a morte os seus últimos e dolorosos versos em parte guardados pelos amigos e companheiros fiéis.

"Aos meus vinte e dois anos", foi o seu último poema, o seu canto de cisne. Aí, nesses versos admiráveis, quanta tristeza, quanta dor e quanta saudade.

Escutai:

. . . Sombras da noite eterna, horríveis sombras!
Não me oculteis da vida a claridade . . .
Não me lanceis tão cedo, ó impiedosas!
Na enxovia fatal da eternidade!
Sombras da noite eterna, horríveis sombras!

xxx

Não disse acaso Deus – aí tens o mundo?
"Vivei, gozai – aí tens o Paraíso?"
Tudo lhe deu e a própria semelhança.
Não lhe deu a mulher – a flor do riso? . . .
Não disse acaso Deus: aí tens o mundo? . . .

xxx

É cedo ainda, ó pálidos coveiros!
Ainda quero beber ventura, enganos . . .
Quero cantar a minha doce aurora
Quero sorri aos meus vinte e dois anos!
É cedo ainda, ó pálidos coveiros!

Esses versos de fúnebre e trágica beleza, escritos no próprio lençol de linho, a lápis, foram recolhidos pelas Irmãs de Caridade da Santa Casa, e entregues aos amigos do poeta. Perderam-se algumas estrofes, apagadas pelo suor da agonia que cobriu o corpo devastado de Barbosa de Freitas, o desventurado, o malogrado e genial Poeta que nós estamos homenageando neste instante, que apenas cantou e sonhou na vida, cantou como a cigarra da lenda, sem pensar jamais em ser formiga.

Em notável ensaio sobre Barbosa de Freitas, publicado no jornal O POVO, de 20 de julho de 1981, o consagrado poeta e admirável ensaista Sânzio Azevedo, assim se expressa: " . . . atente-se para a força dos versos iniciais deste poema, bem como para a oitava estrofe, iniciada por 'É cedo ainda. . .', e onde, ao se dirigir aos coveiros, fala o poeta da sua idade exata: 22 anos! a repetição, em todas as estâncias, do primeira verso no final dá ao poema uma lúgubre atmosfera de cantochão; há trechos desse poema em que sentimos o pouco preparo intelectual do poeta, mas isso nada significa, no confronto com a trágica beleza da composição, que basta ela só, para garantir a Barbosa de Freitas lugar de maior destaque no panorama da poesia cearense".

Em vida editou o poeta alguns dos seus poemas, sempre às custas de amigos e admiradores seus. Após a sua morte, isto é, em 1892 – segunda afirmativa do Barão de Studart –, a maior parte de sua produção poética foi enfeixada em livro sob o título de "Poesias", numa bela iniciativa de alguns amigos, com a finalidade de ser construído pequeno mausoléu, no cemitério de São João Batista, sobre sua sepultura rasa. Quando José Waldo publicou sua conferência, a que me tenho referido, foi informado por pessoa amiga que a sepultura de Barbosa de Freitas era "uma ruína entre suntuosos mausoléus". Pode-se bem imaginar como está ela agora, quase quarenta anos depois, sem uma mão piedosa a cuidá-la, a zelá-la, e sem que ninguém pare diante dela para rezar uma Ave-Maria pelo repouso eterno da alma de uma das mais legítimas glórias desta terra de sol". No silêncio de nossos corações rezemos

aqui esta Ave Maria piedosa e cristã, lembrando-nos das sábias palavras da **Imitação de Cristo**: "Sic transit gloria mundi".

Concluindo, desejo mandar a minha modesta louvação à Prefeitura de Fortaleza, pela homenagem prestada ao imortal e desventurado poeta Barbosa de Freitas, ao lhe dar o nome a uma das mais belas ruas do bairro mais elegante de Fortaleza – Aldeota – e, onde aliás, reside o nosso eminente confrade acadêmico Professor Manuel Albano Amora, legítima expressão do Magistério e das Letras do Ceará.

Queira Vossa Excelência, Sr. Presidente, receber e transmitir a cada um de vossos ilustres pares as mais efusivas felicitações pela beleza simples desta homenagem à memória de uma das glórias do Parnaso Cearense, empanada, é certo, pelo desatavio de minhas palavras, mas engrandecida e aureolada de luz pelo seu alto significado: o culto constante e reverente que aqui se presta aos homens de letras e de pensamento do Ceará de outras épocas, que tanto contribuíram para a formação literária, científica e cultural do Brasil.

Muito obrigado.